

## Os vizinhos

Tradução de Meiko Shimon<sup>1</sup>

— Os velhos ficarão satisfeitos com vocês — Murano falou, observando Yoshirô e Yukiko, jovens recém-casados, e acrescentou. — Meus pais parecem meio esquisitos por estarem praticamente surdos. Mas vocês não precisam se incomodar com eles.

Murano havia se mudado para Tóquio por causa de seu emprego e deixara seus pais idosos na casa de Kamakura. Eles moravam na parte dos fundos e Murano procurava alguém para alugar sua casa, pois pensava que era melhor ela ser habitada do que ser mantida fechada. Além do mais, seus pais idosos não se sentiriam isolados. Por estas razões, o valor do aluguel seria apenas simbólico. Um casal que fora padrinho do casamento de Yoshirô e Yukiko, e conhecido de Murano, intermediou e, assim, eles foram ter uma entrevista com Murano. Este pareceu ficar satisfeito com o jovem casal.

Murano comentou ainda:

— A vida dos velhotes surdos ficará florida de repente. Não que eu tenha pensado de antemão alugar de preferência a um recém-casado, mas, com a presença de vocês, tanto o velho casarão como os velhos ficarão iluminados pela sua juventude. Eu já estou até imaginando isso.

Na região de Kamakura, recortada por numerosos vales, e escondida no fundo de um desses estava a casa de Murano. A casa era de seis cômodos, demasiada ampla para os jovens recém-casados. Na noite em que chegaram com a mudança, não conseguiram se adaptar à casa e ao silêncio que a cercava. Acenderam todas as luzes dos seis quartos, deixaram acesas também as luzes da cozinha e do vestíbulo, e acomodaram-se na sala de doze tatames. Era a peça mais ampla da casa, onde os guarda-roupas, a penteadeira, os acolchoados e outras peças do enxoval de Yukiko se amontoavam. Por não haver quase espaço para se sentar, eles se sentiam aconchegados.

Yukiko entretinha-se com as contas de seu colar, chamadas "olhos de libélula", colocando-as em diferentes posições para formar um novo colar. O pai de Yukiko vivera quatro ou cinco anos em Taiwan onde havia colecionado cerca de trezentos desses "olhos de libélula" dos nativos.

---

<sup>1</sup>Professora Assistente do Setor de Japonês do Instituto de Letras - UFRGS. Mestre em Língua, Literatura e Cultura Japonesa pela USP.

Antes de casar-se, Yukiko ganhara uns dezesseis ou dezessete deles, que mais lhe agradavam, e fizera um colar, levando-o na viagem de lua-de-mel. Como as contas eram da estimação de seu pai, de certa maneira, Yukiko transferira para as contas os sentimentos ocasionados por essa sua separação com os pais. Na manhã seguinte à noite de núpcias, ela colocou o colar de contas. Atraído pelo colar, Yoshirô abraçou-a e pressionou seu rosto no pescoço dela. Sentindo cócegas ela rebatia com gritinhos, procurando afastar o pescoço, quando as contas se espalharam pelo chão. O fio do colar havia partido.

Dizendo, "Oh!", Yoshirô soltou-a. Agachados no chão, os dois apanharam as contas espalhadas. Observando Yoshirô de joelhos a arrastar-se pelo chão à procura das contas, ela não conseguia conter o riso e, repentinamente, seu corpo adquiriu um ar descontraído.

Na noite em que chegaram a Kamakura, ela tentava reordenar em um novo colar os "olhos de libélula" reunidos naquela manhã. Cada uma dessas contas possuía cor, desenho e forma diferentes. Havia redondas, cúbicas ou cilíndricas. Suas cores eram variadas: vermelho, azul, roxo, amarelo e demais cores básicas, que no decorrer dos anos haviam adquirido tonalidades discretas, com seus desenhos curiosos feitos na simplicidade própria dos nativos. Trocando a disposição das contas, cada qual um pouco diferente das demais, o colar resultante ficava diferente também. Feitas originariamente para os colares dos nativos, as contas possuíam orifícios para se passar o fio.

Observando Yukiko que experimentava as posições das contas, Yoshirô perguntou:

— Não se lembra de como estavam antes?

— Eu fiz junto com papai, por isso não me lembro de tudo. Vou recompor do jeito que você gosta. Veja!

De ombros encostados, tentando recompor os "olhos de libélula" em um novo arranjo, os dois esqueciam o passar do tempo. A noite avançava.

— Alguma coisa está caminhando lá fora? — Yukiko aguçou o ouvido. Era o ruído das folhas das árvores que caíam. Não no telhado dessa casa, mas na casa dos fundos. Estava ventando.

Na manhã seguinte, Yoshirô foi chamado por Yukiko.

— Venha, venha logo... Os velhinhos dos fundos estão criando *tobi*<sup>2</sup>. Olhe, estão comendo juntos.

Yoshirô levantou-se e juntou-se a ela. Na manhã clara de outono, agradavelmente quente, que lembrava os dias primaveris, a casa dos fundos encontrava-se de *shojis*<sup>3</sup> totalmente abertos, deixando o sol

<sup>2</sup>*Tobi*: espécie de gavião, cujo canto é semelhante ao som de flauta.

<sup>3</sup> Porta ou Janela de correr com papel branco em lugar de vidro.

penetrar na sala de estar, onde se podia observar o casal de idosos tomando sua refeição matinal. A casa dos fundos era separada da casa principal por um jardim, que subia em declive suave, delimitado por uma cerca-viva e baixa de *sazanka*<sup>4</sup>. A cerca de *sazanka* estava carregada de flores, e a casa dos fundos parecia estar flutuando na ribanceira florida. Cercada em seus três lados por morros cobertos de árvores de folhas coloridas pela geada, a casa parecia estar soterrada. A luz do sol matinal do final do outono incidia sobre as *sazankas* e sobre as folhas vermelhas e douradas dos morros, parecendo aquecê-las até as suas camadas mais profundas.

Dois *tobis*, de pescoços erguidos, pousavam na mesa da refeição. O casal de idosos mastigava omelete e presunto do prato, pegando-os com pauzinhos, em pequenas porções, e levava-os da boca ao bico dos *tobis*. Cada vez que ganhavam o alimento, eles balouçavam as asas, abrindo-as um pouco.

— Como estão bem domesticados — admirou Yoshirô. — Vamos cumprimentá-los. Estão comendo, mas não creio que seja incômodo para eles. Também quero ver os *tobis*, parecem uma graça.

Yukiko voltou para dentro da casa e trocou de roupa, retornando com o colar que conseguira refazer na noite anterior.

Sentindo a aproximação deles à cerca de *sazanka*, os *tobis* levantaram vôo de repente. O barulho do bater de asas surpreendeu os ouvidos de Yoshirô e Yukiko. Ela soltou um grito e ergueu o olhar para o céu onde os *tobis* subiam. Eram aves selvagens que vinham da montanha para visitar os velhos.

Yoshirô se apresentou, polidamente, agradecendo a oportunidade de morar na casa principal.

— Perdoem-nos por assustar os *tobis*. Estão muito bem acostumados com vocês, não é? — falou. Mas, os velhos pareciam não entender nada. Nem faziam esforços para ouvi-lo e, de expressões vazias, olhavam para os dois. Yukiko voltou-se para Yoshirô, indagando com o olhar, o que fazer?

— Sejam bem vindos. Ó velha! Temos estes vizinhos tão jovens e bonitos,— falou o velho como se rompesse em súbito monólogo. Mas a esposa parecia nem ter percebido.

— Vocês podem fazer de conta que os vizinhos surdos nem existem. Mesmo assim, nós gostaríamos de ver os jovens, por isso não fiquem constrangidos, não se escondam da gente.

Yoshirô e Yukiko assentiram.

---

<sup>4</sup>*Sazanka*: espécie de camélia que floresce no final de outono, enquanto que a camélia comum floresce na primavera japonesa.

Os *tobis* circulavam sobre a casa dos fundos. Ouviam-se seus cantos graciosos.

— Vejo que os *tobis* não tinham terminado de comer, estão voltando da montanha. Não queremos incomodá-los.

Yoshirô fez sinal para Yukiko e levantou-se. (**Rinjin, 1962**)